

Trazemos aos leitores da História Econômica & História de Empresas mais uma nova edição (volume 17, nº 2 de 2014) recheada de artigos instigantes e com a volta de colaborações de colegas estrangeiros que atestam a importância dos Encontros Latino Americanos de História Econômica (CLADHE's), a exemplo do encontro realizado na Colômbia em 2014, para estreitar o diálogo acadêmico.

Esse número inicia ainda a decisão tomada pela assembleia geral dos sócios da ABPHE no **X Congresso Brasileiro de História Econômica e 11ª Conferência Internacional de História de Empresas**, realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, em setembro de 2013. Na ocasião, decidiu-se que a composição da Comissão Editorial da HE&HE deveria ser ampliada de três para seis membros e modificada 'aos poucos', permitindo uma transição mais gradual entre os seus editores. Essa medida visa o intercâmbio das experiências editoriais entre os seus participantes.

Assim, durante a **5ª Conferência Internacional de História Econômica & VII Encontro de Pós Graduação** em História Econômica, realizados na Universidade Federal Fluminense, em 2014, as mudanças na Comissão Editorial de nossa HE&HE foram efetivadas. Ingressaram na Comissão e já participaram desse número os professores Carlos Eduardo Suprinyak, Marco Antonio Ribas Cavalieri, sendo que a professora Teresa Cristina de Novaes Marques foi reconduzida à Comissão Editorial.

A professora Cláudia Heller deixou a Editoria da Revista após um trabalho excepcional de controle e recepção dos artigos. Além disso, a professora Heller organizou uma ampla lista de pareceristas *ad hoc*, no que foi auxiliada pelo Professor Heitor Moura. Cláudia Heller participou ainda da elaboração desse número, e a Comissão Editorial da HE&HE agradece imensamente o trabalho de ambos.

O presente número, que contou com a colaboração de muitas mãos, inicia-se com três artigos que discutem importantes aspectos do pensa-

mento de alguns dos maiores economistas brasileiros do século XX. O primeiro artigo é **Roberto Simonsen e a modernização do Brasil na primeira república**, de Luiz Felipe Bruzzi Curi e Alexandre Macchione Saes, que trata da gênese do pensamento modernizante de Roberto Simonsen a partir de sua atuação na *Comissão de Melhoramentos do Município de Santos*, entre 1911 e 1912; dos relatos de sua missão na Inglaterra em 1919; e ainda das aulas por ele ministrada na Escola Politécnica Paulista, na década de 1920. O artigo contribui assim para o esforço que busca as origens do pensamento desenvolvimentista brasileiro nas primeiras décadas do século XX, ainda na Primeira República. Já o artigo **Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo**, de Marina Gusmão de Mendonça, resgata a importância da obra desse médico e filósofo pernambucano que ficou mais conhecido pelos seus trabalhos sobre a *geografia da fome*, onde unia geografia, história, demografia e economia. O artigo destaca ainda a crítica de Josué de Castro ao movimento intelectual de retomada dos estudos neomalthusianos nas décadas de 1950 e 60, como os liderados por William Vogt. Suas publicações do período rechaçavam violentemente a tese da miséria como fruto do crescimento desordenado das populações, particularmente nos países do, assim chamado à época, 3º mundo. Encerrando as análises de grandes pensadores econômicos brasileiros temos o texto **Transnacionalização do capital e os limites do desenvolvimentismo: um diálogo com Celso Furtado sobre a experiência brasileira (1956-1982)**, de Fábio Antonio de Campos e Fernando Henrique Lemos Rodrigues, a mostrar a pertinência de se revisitar os estudos de Celso Furtado sobre *transnacionalização, mercado financeiro internacional e desenvolvimento nacional* frente às fases de crescimento da economia brasileira entre as décadas de 1950 e 80. O artigo recupera, então, a abordagem *furtadiana* sobre a transnacionalização e seus efeitos sobre as industrializações periféricas, como no caso do Brasil.

O artigo **Fluxos de Mercadorias entre o Rio de Janeiro e a Virgínia em meados do século XIX**, de Carlos Eduardo Valencia Villa, inova ao sistematizar e quantificar um aspecto pouco explorado da História Econômica Brasileira, que é o comércio bilateral com os Estados Unidos. Particularmente, Villa reconstrói séries de preços e valores das exportações / importações de produtos, e demonstra que havia um importante e regular comércio entre o Rio de Janeiro e Richmond, sus-

tentado principalmente na dupla Café com Pão, ou a rubiácea brasileira e a farinha de trigo norte-americana. Outro artigo que aborda tema relativamente pouco conhecido entre nós é **La unión hace la fuerza. Las Compañías de Crédito Recíproco y el Financiamiento Hipotecario Urbano a bajo interés em Argentina entre 1936 y 1955**, escrito por Juan Lucas Gómez e que analisa o funcionamento do crédito hipotecário de juros baixos (*Crédito Recíproco*) visando o financiamento de moradias populares na Argentina, particularmente em Buenos Aires. Tal prática teve grande crescimento no país entre os anos de 1935 até 1949, quando tais instituições foram fechadas pelo Banco Central de La República (BCRA) e os ativos transferidos para o Banco Hipotecario Nacional (BNH). O texto **El espacio colonial peruano en la historiografía sobre circulación mercantil**, de Fernando Jumar, também reforça uma saudável retomada da colaboração entre autores e temáticas latino-americanas, ao fazer um levantamento historiográfico da influência da obra de Carlos Sempat Assadourian em relação aos *circuitos mercantís* e ao *espacio colonial* peruano, particularmente na obra de Silvia Palomeque, de 2006, em que a questão da *circulación mercantil* assume papel de relevo na análise das economias hispano-americanas. A ausência de estudos que abordem a circulação mercantil nas economias coloniais hispânicas é tratada no artigo como novas sendas de investigação, razão pela qual o autor defende a necessidade de superar os modelos preexistentes.

Outro artigo que traz uma abordagem de revisão de literatura e ainda uma temática inédita em nossa revista é o **Catch up completo e Forging ahead bloqueado: notas sobre o processo de desenvolvimento japonês**, de Eduardo da Motta e Albuquerque, que, ao tratar o processo de desenvolvimento japonês entre 1868 e 1974, traz importante síntese dos estudos sobre as diversas fases de expansão e retraimento da economia nipônica e ainda dos limites contemporâneos a essa expansão. O texto **Exercício de “história local”: uma saga na trajetória moveleira do planalto norte catarinense**, escrito por Hoyêdo Nunes Lins e Gustavo Rugoni de Sousa, traz por sua vez uma análise de História de Empresas com forte enfoque regional – no caso o norte catarinense. Ao analisar o funcionamento da Empresa *Móveis CIMO S/A* entre os anos de 1914 (origem da primeira serraria que daria origem à empresa) e 1982 (ano de falência da mesma) os autores traçam uma trajetória que explica melhor o surgimento de um polo moveleiro nessa região, demons-

trando a atuação de agentes econômicos em *conjunturas* e *espaços* bastante específicos. Por fim, o último artigo de nosso número é **Café, imigrantes e empresas no nordeste de São Paulo (Ribeirão Preto, 1890-1930)** de André Luiz Lanza e Maria Lúcia Lamounier. A pesquisa traz importante contribuição para a notória, embora nem sempre compreendida, relação entre café e indústria na região de Ribeirão Preto. Ao demonstrar os encadeamentos entre a expansão cafeeira / ferrovias / imigração desde o final do século XIX o texto ajuda a entender as origens e principais características das indústrias que surgiram na região nas primeiras décadas do século XX.

Finalizamos ainda esse número com a resenha do professor Fausto Saretta sobre o livro **Brasil dos bancos**, de Fernando Nogueira da Costa, publicado pela Editora da USP em 2012.

*Comissão Editorial*